

Editorial [PT]

por **Matheus Maia Schmaelter**

matheus.lc@gmail.com

DOI:10.12957/ek.2023.78648

Superestimar o esforço de publicação de uma revista acadêmica é tarefa difícil, quicá impossível. Desde a produção de artigos pelos autores, passando pela abertura de chamada para publicação, busca de pareceristas disponíveis, resultado destes pareceres, depois pelas revisões, diagramação e, por fim, pela escrita de um editorial, publicar uma revista deste tipo impõe tamanhas exigências que só podem ser devidamente atendidas por pessoas que compreendem sua fundamental relevância, especialmente em se tratando de uma revista de filosofia. É assim, depois de todo este processo e devido ao comprometimento de todo um corpo editorial, que publicamos o primeiro número do volume 12 de 2023 da *Ekstasis: revista de hermenêutica e fenomenologia*.

A presente edição conta com 15 artigos originais. No primeiro destes, intitulado *A noção de realização e a releitura levinasiana do cogito*, o autor Diogo Villas Bôas Aguiar busca, a partir do recente debate a respeito da noção de realização (*accomplissement*), retomar a leitura que Emmanuel Levinas faz do *cogito* cartesiano em sua apropriação fenomenológica. O recente debate a respeito da noção de realização mostra-se relevante na medida em que possui um papel estruturante para a compreensão do projeto filosófico levinasiano na obra *Totalidade e infinito*. Tendo isto em vista, o autor sustenta a tese de que se faz necessária uma explicação fenomenológica singular, sustentada justamente pela noção de *accomplissement*, a fim de que se possa descrever dois momentos distintos: o lógico e o cronológico, que se mostram mutuamente fundantes.

Em seguida, o estudo de Josiana Barbosa Andrade busca, no artigo *Fenomenologia e moral em Simone de Beauvoir*, explicitar o sentido da moral fenomenológica da filósofa francesa, enquanto procura apresentar a relação entre fenomenologia e moral no contexto de sua obra. A autora visa contrapor sua perspectiva à que defende que Simone de Beauvoir teria assumido a fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty como base para sua moral, em detrimento daquela desenvolvida por Jean-

Paul Sartre. Dividindo seu estudo em duas partes, a autora busca primeiramente descrever a problemática e a finalidade da moral beauvoiriana, preterida pela disputa entre as fenomenologias de Sartre e Merleau-Ponty, para, então, descrever o método proposto por Simone de Beauvoir para responder a esta problemática, elaborando uma perspectiva própria para que se possa atingir a finalidade tornada possível pela fenomenologia: a recuperação de uma existência autêntica.

O terceiro artigo é dedicado a refletir sobre a respeito do conceito de *corpo próprio* em Maurice Merleau-Ponty. Em *O conceito de corpo próprio em Merleau-Ponty*, Carolina Bernardini Antoniazzi analisa o capítulo IV da primeira parte de *Fenomenologia da percepção* a fim descrever a experiência humana tal qual ela é como uma alternativa de apreender a realidade sem destitui-la de alguma significação que lhe é própria. Aí, busca-se encontrar o caminho para o pensamento do filósofo francês a partir da tentativa de superar a lógica dualista em que ser outro configura-se em ser oposto compreendendo, antes de tudo, que ser humano é ser no mundo, quer dizer, estar no mundo a partir do próprio corpo que, como consciência encarnada, visa o mundo a cada instante.

A partir de uma análise da trajetória das obras de Jean-Paul Sartre e da influência da fenomenologia de Edmund Husserl que pode ser aí encontrada, o artigo *Coincidência entre essência e aparência: sobre a possibilidade de uma ontologia fenomenológica*, de Lucas Gonçalves Palmier de Almeida, busca evidenciar o ponto fundamental que permite ao pensador francês construir uma ontologia fenomenológica, bem como a possibilidade de tal ontologia. Para tanto, mostra-se indispensável a análise da recepção por Sartre da fenomenologia husserliana, tendo em vista que esta produz a coincidência entre essência e aparência, apontada no título do artigo, que possibilita a ontologia proposta por Sartre e que, aliás, figura no subtítulo de sua principal obra fenomenológica: *O ser e o nada*. A partir do problema do ser da aparição, que surge na análise até aqui descrita, o autor visa mostrar que como a ontologia, em Sartre, é compreendida como uma descrição do fenômeno do ser tal como ele se manifesta.

Amor e morte aparecem entrelaçados na reflexão proposta no quinto artigo desta edição. Intitulado *A imortalidade do ser amado segundo Gabriel Marcel*, José André de Azevedo e Clélia Peretti buscam nele abordar a temática da morte. Não, contudo, a morte que nos faz deparar com o fim de nossa própria existência, o que chamamos *minha morte*, mas a morte do ser amado. Como a morte deste afeta metafisicamente aquele que foi

devastado pela morte? Para onde vai o amado ou amada após a morte? Tomando a morte do ser amado não como um *problema* a ser resolvida, mas, antes, como um *mistério* a ser vivenciado, o artigo mostra como Marcel compreende a fidelidade como um engajamento do ser do amante, o “meu ser”, em um “tu”. Nesse sentido, o filósofo e dramaturgo francês compreende a fidelidade como condição imprescindível para uma compreensão da imortalidade do ser amado. Aí, o amor mostra-se como o único capaz de desvelar o ser imortal do amado. Assim, numa relação que se funda sobre o amor e a reciprocidade, surge a *comunhão do nós* em que, quanto mais um ser é amado como ser, tanto mais desaparece a posse objetiva que nos faz ressentir a morte do amado como perda dolorosa.

Retornando a Sartre, mas seguindo na reflexão sobre o amor, *Sartre e os amores autêntico e inautêntico*, de Alex Antonio Rosa Costa, busca, a partir das obras de juventude do existencialista francês, contrastar o amor inautêntico, tratado especialmente em *O ser e o nada*, com o amor autêntico, elaborado brevemente nos *Cadernos para uma moral*. Uma vez tematizado o contraste e suas implicações, o autor propõe uma reflexão em torno da relação entre amor e angústia, na expectativa de esclarecer os limites do amor inautêntico e a necessidade de um amor autêntico.

Em *O cimo e o abismo: o pensamento geofilosófico entre Nietzsche e Heidegger*, tomando como paradigma de sua reflexão a imagem da montanha, David Emanuel Madeira Davim busca aproximar duas disciplinas que, no imaginário de muitos, parecem inconciliáveis: a geografia e a filosofia. Para tanto, o autor procura, em um movimento bastante instigante, pensar com os autores citados no título do artigo a dimensão da externalidade efetiva, da existência concreta, bem representada pela imagem da montanha, o solo factual que é tanto fundamento para a montanha quanto para o pensar filosófico, no esforço de demonstrar como as duas dimensões do conhecimento aí tematizadas tanto se compertencem quanto se alimentam. Com isto, o que se pretende é desvendar, nas palavras do autor, “os limites do valor da externalidade efetiva para a interioridade subjetiva do pensamento.”

Retomando a filosofia de Merleau-Ponty como fundamento para sua interpretação, Gilmar Leite Ferreira busca, em *Os retirantes de Portinari*, utilizar o método da descrição fenomenológica para apontar a experiência sensível como uma educação do olhar para a obra de arte a partir das obras de Candido Portinari. Aí, o autor provoca o leitor a perceber, através do êxodo, da miséria, da fome e da morte dos

retirantes, representados pelos corpos esqueléticos dos sertanejos pintados nos quadros do artista plástico brasileiro, a ontologia da vida que se revela a partir do sofrimento retratado. O que resulta da reflexão do autor é sua compreensão de que o êxodo dos retirantes é provocado não somente por questões climáticas, mas também pelo descaso dos governos e pela opressão do latifúndio.

Gustavo Fujiwara, por sua vez, busca responder a seguinte pergunta: a filosofia de Sartre não incorre em um tipo de determinismo avesso à liberdade? Partindo da primeira parte da última grande obra de Sartre, *L'idiot de la famille*, o artigo *A constituição passiva de Gustave Flaubert em L'idiot de la Famille ou da maternagem insuficiente de Caroline Fleuriot Flaubert* procura sua resposta refletindo a partir da tese sartreana de que a relação entre a mãe e o lactente é determinante para que este torne-se um ser ativo ou passivo, de modo a demonstrar, traçando um diálogo com o pediatra e psicanalista inglês Donald Wood Winnicott e partindo do materno insuficiente da mãe de Flaubert, como uma criança constituída passivamente é incapaz de adentrar o universo comunicativo da linguagem.

Relação e linguagem continuam sendo tema do artigo de Lucas de Lima Cavalcanti Gonçalves, mas agora construindo sua tese a partir do pensamento heideggeriano. Em *Sobre a essência relacional da palavra: A superação do paradigma linguístico designacional na fenomenologia da linguagem de Martin Heidegger* tal tese afirma que o mundo não é feito de objetos, mas de relações, de modo a conectar-se com o problema de como relacionar-se à essência da linguagem enquanto potência criadora, o que possibilita a superação do paradigma designacional, que faz da linguagem nada mais que um veículo de transmissão de informações.

O décimo primeiro artigo desta edição traz a presença de Michel Foucault, bem como a temática da clínica fenomenológico-existencial, para nossas reflexões e discussões. Em seu artigo *A presença da clínica fenomenológico-existencial no pensamento do jovem Michel Foucault*, Raphael Pegden reflete, a partir da introdução escrita por Foucault para a tradução francesa do artigo *Sonho e existência*, de Ludwig Binswanger, sobre como o pensamento do filósofo francês a respeito das patologias mentais apresenta-se sob uma perspectiva psiquiátrica fenomenológica, analisando-o a partir das leituras realizadas pelo jovem Foucault de Freud, Husserl, Heidegger e do próprio Binswanger.

Já em *O noema como obstáculo para a resolução do solipsismo em Sartre*, Fabrício Pizelli busca dialogar com o pensamento de Husserl a fim de analisar como o *noema*, recurso utilizado pelo fenomenólogo alemão para garantir o conhecimento apodítico, aparece, como indica o título do artigo, como um obstáculo para a superação do problema do solipsismo, tendo em vista a presença recorrente de elementos idealistas, provenientes da filosofia husserliana, na produção sartreana anterior à publicação de *O ser e o nada*.

Carolina Becker Polli e Daniela Ribeiro Schneider, em *Sofrimento psíquico grave como processo de uma história de vida: concepções sartrianas em torno da psicopatologia* encontram no pensamento existencialista de Sartre uma contribuição que amplia as considerações da psicopatologia fenomenológica e sua lógica compreensiva, que se desenvolvem no interior da experiência concreta do sujeito.

Passando das reflexões fenomenológicas e psicopatológicas dos artigos anteriores para o âmbito da hermenêutica e da religião, Luiz Carlos Mariano da Rosa reflete em *Introdução à hermenêutica do pecado entre o símbolo do mal em Paul Ricoeur e a alienação existencial em Paul Tillich*, a partir de aspectos etimológico-literários e bíblico-religiosos, que traduzir como “pecado” o conceito que possui sentido de “errar o alvo” sustenta uma correspondência com a transposição textual instaurada pela *Septuaginta*, a tradução grega da Bíblia hebraica, que abstrai da noção de culpa moral. Com isto em mente o artigo estabelece, a partir de leituras dos aspectos filosófico-teológicos do pecado em Paul Ricoeur, que o pecado, enquanto *símbolo do mal*, se caracteriza como intersecção envolvendo o mal e o mundo. A partir daí, o autor dialoga com os aspectos bíblico-teológicos do pecado em Paul Tillich e procura enfatizar no conceito de pecado uma concepção que “encerra a condição de *um poder quase pessoal* que controla este mundo,” que acaba por implicar numa ruptura entre essência e existência, que representa a separação humana do “ser-em-si”.

Por fim, contamos com a contribuição em inglês do autor Lucas Ribeiro Vollet. Em *Consequences of Husserl's Anti-Naturalism for a Theory of Meaning: the Unnatural Position of Linguistics as Science and the Transcendental Access to a Human Region of Reflection of Meaning*, encontramos uma leitura histórica em que o autor se dedica a resgatar aspectos da fenomenologia husserliana e defender a superioridade de sua reflexão sobre uma visão naturalista e calculista da questão a respeito do sentido.

Encerrando a edição, contamos ainda com duas resenhas: a primeira, de Pedro Igor Araújo, intitulada *A comunidade que foi: resenha do livro “Being with the Dead” de Hans Ruin*, discorre a respeito da última obra do filósofo finlandês, *Being with the Dead: Burial, Ancestral Politics, and the Roots of Historical Consciousness*. A segunda trata do livro *Arte e existência em Heidegger*, do professor Marco Aurélio Werle, e tem por autor o também professor Roberto S. Kahlmeyer-Mertens.

Assim, nós da *Ekstasis* esperamos com esta publicação não somente contribuir com todos aqueles que se dedicam às pesquisas de fenomenologia e hermenêutica e com toda a comunidade acadêmica brasileira, mas também proporcionar deleite aos leitores que, certamente, encontrarão nestas páginas estudos rigorosos e poderosos insights para, a cada vez, mais novos e instigantes estudos.

Boa leitura a todos!